

Preços das carnes brasileiras sobem no mercado mundial

Neila Baldi

O aumento da demanda internacional por proteína animal e dos custos das commodities pressiona os preços médios das carnes brasileiras destinadas à exportação. Em relação ao ano passado, os valores negociados estão 36% mais altos para a carne bovina e suína e 46% superiores para a de frango.

"E tem espaço para subir mais", acredita o diretor da AgraFNP, José Vicente Ferraz. De acordo com levantamento feito pela empresa a pedido da Gazeta Mercantil, no mês passado o valor médio cobrado foi de US\$ 3,4 mil a tonelada - valores preliminares - para a carne bovina. A carne suína ficou cotada em US\$ 2,7 mil a tonelada, enquanto a de frango chegou a US\$ 1,6 mil a tonelada. Quando os valores são comparados com os praticados no início do ano, apenas a carne bovina registrou queda: a média prática em janeiro era de US\$ 3,96 mil a tonelada. Na avaliação de Ferraz, esta diferença ocorreu porque o País ficou sem exportar para a União Européia, que compra produtos de maior valor agregado. "Para os outros países, é um mix diferenciado, mais barato". No entanto, ele acrescenta que, a prova de que o mercado está altamente demandado é, não só a alta no acumulado de 12 meses, mas também na recuperação registrada em abril em relação ao mês anterior: US\$ 3,4 mil a tonelada contra US\$ 3,2 mil a tonelada.

O superintendente de Relações com Investidores do Minerva, Ronald Aitken, diz que os preços médios dos últimos contratos fechados pela empresa para exportação são de US\$ 4 mil a tonelada. "A demanda por proteína brasileira continua forte e há restrições no fornecimento de alguns países concorrentes. Além disso, a gente vive um momento de inflação de commodities", afirma. Segundo ele, o preço da carne precisa aumentar porque os custos também subiram: no Brasil, por uma questão de ciclo - a arroba do boi gordo, de acordo com a Jox Consultoria se valorizou 39,9% em 12 meses - e em outros países, que usam o confinamento, devido à alta nas cotações do milho (66,6% na Bolsa de Chicago, no período).

O analista da Safras & Mercado, Paulo Molinari, diz que os preços estão em alta também por conta da desvalorização do dólar e a necessidade do Brasil corrigir preços para se enquadrar aos novos custos de produção. Na sua avaliação, os frigoríficos bovinos tiveram reajustes maiores que os de carne suína e de frango, pelo preço médio pago pelo animal. "Com o boi subindo e o dólar caindo, os frigoríficos têm maior necessidade de repasse", afirma. Segundo a Jox Consultoria, enquanto em 12 meses o boi gordo valorizou-se, o preço médio do frango vivo na granja, em São Paulo, caiu R\$ 1,35 o quilo em abril de 2007 para R\$ 1,32 neste ano.

De acordo com Molinari, os preços do milho e do farelo estão altos, mas o do frango não está alto. "Os produtores estão absorvendo os custos", afirma. Segundo ele, no caso do frango, o excesso de oferta interna não possibilitou o repasse do custo ao produtor. Segundo levantamento da AgraFNP, em relação ao abril do ano passado, o valor médio pago pelo milho em Campinas (SP) - região consumidora - é 41,52% superior: R\$ 27,14 a saca (60 quilos).

No acumulado do ano, no entanto, devido à colheita, houve redução de 13,7%. Mas, desde o final de abril, a cotação voltou a subir. "O produtor está segurando milho, esperando o aumento na demanda", afirma Fábio Turquino Barros, analista da empresa. O presidente do Sindicato das Indústrias dos Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar), Domingos Martins, discorda que os produtores não estejam recebendo o repasse dos custos do milho. De acordo com ele, a dinâmica dos valores praticados em São Paulo é diferente do Sul do País, onde há uma quantidade maior de integrados. Na avaliação dele, o aumento da demanda pelo produto brasileiro é que está possibilitando o repasse ao preço médio. No acumulado do ano, de acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, as remessas de carne de frango subiram 6,4% em relação ao primeiro quadrimestre de 2007, enquanto a receita cresceu 34,8%.

Para Martins, a demanda pelo produto é crescente porque, apesar de tudo, ainda é a proteína animal mais barata. Segundo dados da RC Consultores, a estimativa para 2008 é de aumento

de consumo mundial de carne bovina e de frango da ordem de 1,9%. A demanda da carne suína - a mais consumida no mundo - deve crescer 2,78%.

Para a economista Amaryllis Romano, da Tendências, a valorização dos preços das carnes brasileiras se deve ao aumento dos custos, mas também ao consumo. "Se não houvesse demanda, não aumentava o preço". Na avaliação dela, a alta maior do preço da carne de frango pode ser decorrente do fato de o produto brasileiro ter menos restrição que a carne bovina - que tem embargos sanitários. Por outro lado, segundo ela, o País ganha parte da valorização do preço da carne suína no mercado mundial, pois não tem a mesma participação que nas demais carnes.

INFLAÇÃO DOS ALIMENTOS

Valorização da proteína animal no mercado mundial
(em US\$ por tonelada)

Carne	Jan	Fev	Mar	Abr	Varição (em %, em 12 meses)
Bovina	3.969	3.325	3.230	3.438	36
Suína	2.325	2.358	2.403	2.775	36
Frango	1.569	1.618	1.641	1.693	46

Fonte: AgraFNP

Receita do Minerva aumenta 44%

A receita bruta de vendas do Minerva S.A aumentou 44% no trimestre, em relação ao mesmo período do ano passado, totalizando R\$ 500 milhões. Os resultados consolidados serão divulgados na próxima quinta-feira. As ações do frigorífico encerraram o pregão de sexta-feira, na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) a R\$ 9,54, queda de 2,85%.

De acordo com o superintendente de Relações com Investidores, Ronald Aitken, o crescimento foi impulsionado pelas vendas no mercado interno que tiveram um acréscimo de 132%. Segundo ele, isso ocorreu porque a demanda está maior. Aitken diz que no primeiro trimestre de 2007 o mercado interno representava 22% da receita da empresa e, em 2008, chegou a 36%.

De acordo com a empresa, o resultado financeiro não foi in-

fluenciado pelas restrições da União Européia — o Brasil ficou mais de um mês proibido de comercializar com o bloco e, desde que voltou, a oferta está restrita pois poucas fazendas estão autorizadas a vender para frigoríficos que exportam para lá.

A receita bruta mensal, que caiu de R\$ 164 milhões em janeiro para R\$ 156 milhões em fevereiro, recuperou-se para R\$ 180 milhões em março. Isso porque a empresa redirecionou as vendas para outros mercados, como Rússia, Ucrânia e Oriente Médio. A participação do frigorífico nas exportações brasileiras de carne in natura cresceu de 9% para 15% no trimestre, comparado com o mesmo período de 2007, enquanto o preço médio da carne in natura superou US\$ 3,6 mil por tonelada, alta de 41%.

N.B.

Leia mais:

Produção catarinense cresce 15%

Juliana Wilke

A produção catarinense de orgânicos atingiu as 50 mil toneladas no ano passado e igualou-se ao volume apresentado por São Paulo, terceiro maior produtor brasileiro de alimentos sem uso de agrotóxicos. O coordenador do Projeto de Agroecologia da Empresa de Pesquisa

Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), Paulo Tagliari, afirma que o crescimento da safra foi de 15% e que o valor bruto da produção chegou aos R\$ 50 milhões em 2007.

Tagliari está convencido de que se não fosse o sistemático lobby exercido pela indústria de fertilizantes químicos e agrotóxicos, a produção de alimentos orgânicos poderia se torna uma alternativa viável, além de ambientalmente correta, o que se torna recomendável diante da crise mundial de escassez de alimentos. "Em termos energéticos a produção agroecológica é 15 vezes mais eficiente que a convencional", diz.

Tagliari afirma que a produção orgânica, embora recupere técnicas muitas vezes ancestrais de manejo da terra, não deve ser interpretada como uma volta ao passado. O coordenador do projeto da Epagri explica que hoje se utilizam modernas tecnologias. O Brasil é o segundo maior produtor mundial de orgânicos. Isso ocorre por estão incluídas nesse cálculo as reservas extrativistas da Amazônia, com as frutas tropicais, castanhas do Pará e guaraná.

Na safra brasileira 2006/07, a comercialização de produtos orgânicos foi responsável por uma receita de US\$ 500 milhões, dos quais, 20% correspondem ao faturamento alcançado com as exportações do setor, principalmente para Europa, Estados Unidos e Canadá. Os principais produtos exportados são baby foods (papas de frutas), soja, açúcar mascavo e suco de laranja. Em Santa Catarina, são 60 entidades e mais de duas mil famílias envolvidas com o setor.

Atividade rentável

O diretor da Ecocert Brasil, com sede em Florianópolis, João Augusto de Oliveira, diz que a agricultura orgânica é rentável. A atividade produtiva mantém crescimento acelerado. Nos últimos três anos, a demanda dos produtores por certificação cresceu 50%. Hoje são 280 produtores com produção certificada em Santa Catarina. No Brasil, já são 1.600 os produtores formalmente autorizados a comercializar orgânicos com esse rótulo.

Desse total nacional, 65% exportam suas colheitas. A Ecocert chegou ao País em 2001. Trata-se de uma representação da empresa francesa, considerada uma das maiores especializadas em orgânicos na Europa. A Ecocert mantém atividades em mais de 50 países.

Oliveira afirma que o alimento orgânico tem em média sobrevalorização de preços de 20% a 30% em relação ao convencional. "Por outro lado, o custo de produção é menor, já que utiliza poucos insumos de fora da propriedade", diz. Segundo ele, os consumidores se dispõem a pagar mais pelos orgânicos, em função dos benefícios. "A preferência por alimentos de melhor qualidade, sem risco de contaminação química, é a grande mola propulsora deste segmento", afirma.

O consultor da ViapaxBio, de Joinville (SC), Marcelo De Cunto, afirma que a empresa fatura hoje R\$ 40 mil/mês, 15% mais do que receita mensal média registrada em 2007. De Cunto que foi sócio da Viapax da sua fundação, em 1994, até o ano passado, diz que a cada ano, melhoram as condições e a fertilidade de solo. "Com isso, aumentamos também a produtividade. Hoje colhemos 40 sacas de soja por hectare", diz. A empresa produz 40 itens, entres eles, frutas, geléias, sucos, farinhas, arroz, feijão e açúcar mascavo e cristal.

Leia mais:

Usda eleva cotação da soja e desvaloriza trigo

Fabiana Batista e Bloomberg News

O relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) trouxe mais um recuo dos estoques de soja americanos e um aumento na produção de trigo. O resultado é que as cotações da soja na Bolsa de Chicago (CBOT) subiram 3,6%, encerrando o pregão de sexta-feira em 1.358 centavos de dólar por bushel (contrato julho). Já as do trigo recuaram 3,5% para 804,50 centavos de dólar por bushel. "A safra nova de soja americana só reprisou, de

certa forma, os números divulgados em março. O mercado pegou carona mesmo na redução dos estoques finais dessa safra", avalia Fábio Turquino Barros, analista da AgraFNP.

De acordo com o Usda, os estoques de soja americanos encerrarão a safra (31 de agosto) em 3,95 milhões de toneladas, ante os 4,36 milhões estimados no relatório de abril. Neste levantamento, o Usda também reajustou para cima a estimativa de produção de soja nos Estados Unidos. Assim, as projeções saíram de 2,95 bilhões de bushels (80,3 milhões de toneladas) em fevereiro para 3,105 bilhões de bushels (84,5 milhões de toneladas). Segundo traders, o avanço na produção da oleaginosa irá elevar os estoques em 28% no próximo ano.

Segundo Barros, da AgraFNP, o mercado reagiu forte com o trigo na sexta-feira por causa da previsão de safra mundial maior, sobretudo a dos Estados Unidos. Estão previstos 65,10 milhões de toneladas no mercado americano, ante as 56,25 milhões de toneladas da safra passada, aumento de 15,57%. Para a produção mundial, a estimativa do Usda é de 656 milhões de toneladas, ante as 606,4 milhões de toneladas da safra anterior, 8,1% de alta.

O Usda também prevê forte queda na safra de algodão dos EUA. O recuo está estimado em 24% no próximo ano, uma vez que os produtores rurais estão plantando menos esta commodity em favor de outras mais lucrativas, como trigo, milho e soja. A alta de preço de 45% alcançada pelo algodão nos últimos 12 meses foi superada pelos ganhos da soja, trigo e milho. A produção deve ser de 14,5 milhões de fardos de algodão na colheita a ser iniciada em outubro. Se confirmada, será a menor colheita dos últimos dez anos. A safra do ano passado foi de 19,2 milhões de fardos. Um fardo de algodão pesa 218 quilos. Na sexta-feira, as cotações do algodão na Bolsa de Nova York (Nybot) subiram 1%, saindo de 76,38 centavos de dólar por libra-peso para 77,15. Na semana, a alta acumulou 10,9%.



Leia mais:

Safra está sendo plantada no Rio Grande do Sul

Caio Cigana

Levantamento da Emater indica que o Rio Grande do Sul terá este ano uma área cultivada com trigo de 950,1 mil hectares, 11,86% a mais em comparação com 2006. Caso se confirme a produtividade esperada de 1.881 quilos por hectare, a produção pode chegar a 1,787 milhão de toneladas, 3,67% a mais do que na safra passada.

O plantio já teve início e os prognósticos da meteorologia indicam condições favoráveis, com um clima mais seco e sem chuvas em excesso durante o ciclo da cultura. Segundo a Emater, o produtor está estimulado pela valorização do trigo e perspectiva de manutenção dos preços. A preocupação está na alta dos insumos.

Os números fazem parte do Levantamento sobre a Intenção de Plantio para a safra 2008 realizado pela Emater/RS-Ascar. A produção esperada, considerando-se uma produtividade inicialmente calculada em 1.881 quilos por hectare, poderá chegar a 1,787 milhão de toneladas, 3,67% a mais em relação à safra do ano passado. O levantamento levou em conta as informações de 204 municípios que cobrem 74% da área projetada. A nova safra começa sem maiores percalços com relação ao clima.

Leia mais:

Venda de trator vai bater nível de 2004

Fabiana Batista

Safra, produtividade e preços recordes dos grãos estão sendo decisivos para a retomada da venda de máquinas agrícolas no Brasil. Entre janeiro e abril deste ano foram 15,645 mil unidades, 54% mais que em igual período de 2007. No caso dos tratores, a comercialização já atingiu os níveis de 2004, melhor ano para o setor, segundo Milton Rego, diretor da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). "As colheitadeiras é que ainda estão abaixo dos patamares daquele ano. Isso porque o maior consumidor, o Centro-Oeste, ainda está em recuperação mais lenta", explica Rego.

Ele conta que a venda anual de tratores entre os anos de 2002 e 2004 ficava entre 29 mil e 33 mil unidades, volume que em 2007 foi de 30,7 mil e que, em 2008 deve crescer, inicialmente, 10%. "Em junho vamos rever essa projeção, feita no começo do ano", diz o executivo. O fato é que até abril, a comercialização de tratores já está 48,6% maior que o primeiro quadrimestre de 2007.

Já a venda de colheitadeiras no triênio entre 2002 e 2004 havia atingido 5,5 mil colheitadeiras ao ano em média, volume que em 2007 foi de 2,3 mil, menos da metade. Neste ano, as vendas estão duas vezes maiores do que no mesmo período de 2007, mas ainda muito distante de atingir os "anos de ouro" do setor.

O ritmo do mercado externo também acelera, depois de anos de forte retração. "O momento positivo dos grãos irradia em toda a América do Sul", explica Rego. Foram exportadas entre janeiro e abril 9,623 mil máquinas, crescimento de 37% em relação a igual quadrimestre de 2007. Em consequência da valorização do real frente ao dólar, a receita não aumentou na mesma proporção. Ficou em US\$ 4,5 bilhões, apenas 16,3% mais que em igual período do ano passado, enquanto que em volume o crescimento foi de 37%. "A renda agrícola no Mercosul também está boa. Os produtores estão voltando a investir em tecnologia e a recuperação está em níveis satisfatórios", diz Rego.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 12 mai. 2008, Agronegócios, p. C8